

MARCELLO CAETANO

UMA BIOGRAFIA

1906-1980

Francisco Carlos Palomanes Martinho

MARCELLO CAETANO

UMA BIOGRAFIA

1906-1980



MARCELLO CAETANO, UMA BIOGRAFIA, 1906-1980
Copyright © Francisco Carlos Palomanes Martinho, 2016

© desta edição:
2016, Penguin Random House
Grupo Editorial Unipessoal, Lda.
Avenida Duque de Loulé, 123
Edif. Office 123 – Sala 3.6
1069-152 Lisboa
correio@penguinrandomhouse.com

Revisão: Laurinda Brandão
Paginação: Segundo Capítulo
Capa: Armanda Vilar
Fotografia da capa © Lusa/AtlanticoPress

1.ª edição: Outubro 2016
ISBN: 978-989-665-136-7
Depósito legal: 415604/16

Impressão e Acabamento:
Printer Portuguesa

Distribuição:
VASP
Tel.: 214 337 000
geral@vasp.pt

Objectiva é uma chancela de:

Penguin
Random House
Grupo Editorial

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte,
por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico
ou por meio de gravação, nem ser introduzido
numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado
para uso público ou privado, além do uso legal
como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia
autorização por escrito do editor.

Para Angela de Castro Gomes

A biografia definitiva, ao estilo inglês, conta-se entre os géneros mais admiráveis da historiografia. Extensa, meticulosamente documentada, densamente anotada e generosamente entremeada de citações, em geral aparece em dois grandes volumes e conta mais, e mais vivamente, sobre o período histórico em questão do que todos os livros de história mais importantes. Pois, ao contrário de outras biografias, a história não é aí tratada como o inevitável pano de fundo do tempo de vida de uma pessoa famosa; é antes como se a luz incolor do tempo histórico fosse atravessada e refractada pelo prisma de um grande carácter, de modo que no espectro resultante obtém-se uma unidade completa da vida e do mundo. Talvez por isso se tenha tornado o género clássico para as vidas dos grandes estadistas, mas permaneceu impróprio para aqueles cujo principal interesse reside na história de vida ou para as vidas de artistas, escritores e, de um modo geral, homens ou mulheres cujo génio os obrigou a manterem o mundo a uma certa distância e cujo significado reside principalmente nas suas obras, artefactos que acrescentaram ao mundo, e não ao papel que neste desempenharam.

HANNAH ARENDT

Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, Ítalos e Ingleses
Possam dizer que são pera mandados
Mais que pera mandar, os Portugueses.

LUÍS VAZ DE CAMÕES

ÍNDICE

<i>Prefácio de António Costa Pinto</i>	15
Agradecimentos	19
Abreviaturas.	23
Apresentação	25
Introdução	29
Capítulo 1. Memórias e efemérides.	37
Capítulo 2. Um tempo de formação	65
Capítulo 3. Transição para a maturidade	129
Capítulo 4. Na Mocidade Portuguesa	171
Capítulo 5. No Ministério das Colónias.	203
Capítulo 6. Entre a União Nacional e a Câmara Corporativa: o reconhecimento do político.	255
Capítulo 7. Do Ministério da Presidência à «travessia do deserto»: a derrota do político.	315
Capítulo 8. Entre a Primavera e o Outono: da governação marcelista à queda do Antigo Regime	359
Capítulo 9: Do Antigo Regime à Revolução.	415
Capítulo 10. Exílio: uma vida em balanço	451
Considerações finais	501
Notas.	511
Fontes e bibliografia	545

Prefácio

Marcello Caetano ou os dilemas do número dois

Marcello Caetano tem despertado um grande interesse entre historiadores, antigos discípulos e opositores. Simpatizantes fiéis não teve muitos, após a sua longa vida política, mas o seu consulado foi curto e o seu culto, após a queda da ditadura, também não foi grande. De facto, Caetano não deixou um legado autoritário à democracia portuguesa. À medida que o pó vai atingindo a história mais recente, os portugueses mal vão conseguindo pronunciar um nome marcante na história do século xx português. Quando o fazem, para o bem ou para o mal, lembram-se mais de Salazar, de Álvaro Cunhal ou de Mário Soares. Caetano já aparece pouco e não é seguro que alguns dos primeiros sobrevivam por muitos anos mais, com a excepção de Oliveira Salazar, que já tem lugar seguro.

O ditador português mereceu já uma longa biografia de um seu admirador e ex-ministro e outra de um historiador académico, mas esta é, que eu saiba, a terceira biografia de Caetano a ser publicada nos últimos anos em Portugal, e a sua marca é singular.* Às vezes, a distância destila mais objectividade e despreocupação com as batalhas da memória.

* José Manuel Tavares Castilho, *Marcello Caetano – Uma biografia política*, Lisboa, Edições 70, 2012; Luís Menezes Leitão, *Marcello Caetano – Um destino*, Lisboa, Quetzal, 2014; para não falar do estudo de Vasco Pulido Valente, *Marcello Caetano – As desventuras da razão*. Lisboa, Gótica, 2002, ou da antologia de depoimentos de Manuel Braga da Cruz e Rui Ramos (org.), *Marcelo Caetano – Tempos de transição*. Lisboa, Porto Editora, 2012.

A história, e sobretudo a memória, é ingrata, e o sucessor de Salazar ficará sempre associado ao legado que este lhe deixou e à rapidez do colapso desta herança. Aquela saída do Quartel do Carmo no famoso Chaimite *Bula* marcou o fim de 48 anos de regime ditatorial e quem ia lá dentro era ele. Nos anos seguintes, quando se falava em Marcello Caetano, era quase sempre para salientar o que ele poderia ter sido e não foi. Para uma parte da elite social e económica mais modernizante dos anos 1960, ele poderia ter sido o Adolfo Suárez da democratização, se tivesse tido a coragem ou o golpe de asa de descolonizar. Depois, à medida que a democracia portuguesa se consolidava, muitos dos seus discípulos académicos tornaram-se destacados elementos desse processo, na maioria dos casos nos novos partidos de centro-direita e direita. A seguir veio então a história académica e o jornalismo de investigação, que no geral chegam no fim, com menos polémica e alguma serenidade.*

O autor desta biografia é um destacado historiador luso-brasileiro, Professor da Universidade de São Paulo, que já publicou várias obras sobre o Estado Novo português.** É mais fácil prefaciар obras de colegas do que de amigos, ora Francisco Martinho é também um amigo e por isso a brevidade impõe-se. Como ele próprio descreve na apresentação, a decisão de escrever uma biografia de Marcello Caetano começou por ser a história familiar de um jovem do Rio de Janeiro cujo pai português era um admirador do Estado Novo. Depois, da memória da chegada deste ao Brasil e de muitos outros portugueses em 1975 e 76. Convém encerrar aqui o contexto pois a obra que o leitor tem à sua frente é

* Manuela Goucha Soares, *Marcello Caetano*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2009; Orlando Raimundo, *A Última Dama do Estado Novo e outras histórias do Marcelismo*, Lisboa, D. Quixote, 2014.

** Por exemplo, Francisco Palomanes Martinho, «A bem da nação»: o sindicalismo português entre a tradição e a modernidade (1933-1947), Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

emblemática da historiografia académica e não da memorialística ou do ensaísmo. Desta forma, gostaria de salientar apenas alguns aspectos que a sua leitura me despertou.

Marcello Caetano, de entre os dirigentes do Estado Novo, foi talvez o mais próximo do modelo do ideólogo das instituições propriamente políticas e aquele que com maior franqueza falava a Salazar. Formado pelo Integralismo Lusitano e pelo Maurrazianismo, temperado pela sua formação em Direito, Caetano é na década de 1930 um adepto sincero do corporativismo, da mobilização da sociedade pelo regime e, sobretudo, das instituições do Estado Novo. Da Mocidade Portuguesa à União Nacional, Caetano esforçou-se por pôr a funcionar as organizações políticas do regime, por vezes perante a passividade (para não dizer reserva) prudente do ditador. As críticas que foi fazendo a Salazar foram quase sempre no sentido de dar maior dinâmica ao regime.

Quando a cena internacional se alterou dramaticamente em 1945, Caetano adaptou-se bem melhor do que o ditador. Tem uma visão mais aberta ao mundo e menos reticente sobre a modernização económica e tecnológica. De facto, Caetano não tem grande nostalgia dos anos 1930. É nesta fase que a sua figura emerge associada a uma das mais interessantes e complexas facetas dos regimes ditatoriais: a da relação entre o ditador, os notáveis do regime e, sobretudo, as suas facções. A história de Marcello Ministro da Presidência e das suas tensões com Santos Costa, o todo-poderoso comissário de Salazar para as Forças Armadas, é bem conhecida, mas é aqui que o «marcelismo» começa a existir? Um coisa é certa, o ditador dá a Caetano uma margem de manobra e espaço crítico pouco comum na história das ditaduras.

Quando nos anos 1960 Marcello regressou à Universidade de Lisboa e se foi reservando para uma eventual sucessão, protagonizou alguns anseios modernizadores e reformistas.

A crise estudantil de 1962 ajudou. Entre alguns segmentos das elites, sobretudo ao longo dos anos 1960, Caetano era uma alternativa reformista da ditadura, cativando mesmo alguns sectores da oposição liberal. Por outro lado, também foi acautelando um grupo de «amigos políticos», mas seria exagerado ver aqui uma estratégia da aranha. O sistema político do Salazarismo era bem mais complexo e quando chegou ao poder, quer a sua formação ideológica quer o seu modelo institucionalista não lhe permitiram fazer o que ele aliás não desejava.

Nesta biografia (política) de Marcello Caetano o leitor tem uma visão global do percurso político do mais destacado dirigente político do Estado Novo a seguir a Salazar. A sua ideologia de juventude, a sua colaboração e relação com Salazar, o dirigente das instituições políticas do regime, da Mocidade Portuguesa à União Nacional, o Ministro e, finalmente, o sucessor deposto e o exilado político ressentido. Não caindo na armadilha da coerência obsessiva de uma vida, Francisco Martinho traça-nos aqui um retrato rigoroso de um dos políticos mais marcantes do século XX português.

ANTÓNIO COSTA PINTO

Agradecimentos

Agradeço em primeiro lugar ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), que viabilizou esta pesquisa através de bolsas de produtividade científica. Agradeço igualmente à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), à FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro) e à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), agências de fomento que também viabilizaram a minha pesquisa com diferentes formas de apoio, sobretudo passagens e estadias para participar em eventos científicos e a realização de pesquisas no exterior.

Em Lisboa, agradeço o acolhimento e o respeito profissional do professor António Costa Pinto, com quem tenho trabalhado desde o período de formulação da minha tese de doutoramento. Agradeço também ao ICS (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa), instituição que sempre me abrigou nas muitas ocasiões em que atravessei o oceano para pesquisar nos arquivos portugueses.

Aos amigos que, em Lisboa, se tornaram família: Beatriz Bibas, Carlos Henrique Vianna, Gabriel Prista, Gucha Lalanda, Heliana Bibas, João Castro Silva, Leonor Bibas, Marcello Fernandes Filho, Maria Bibas, Marta Prista e Tiago Bibas. Amigos que me fazem sentir em casa, a despeito, como dizia o poeta, da «saudades do Brasil em Portugal». À Gucha Lalanda e ao Marcello

Fernandes, um agradecimento especial pelo acolhimento durante todos estes anos.

Em 2009 prestei concurso público e no ano seguinte assumi o cargo de Professor Doutor de História Ibérica da USP. Neste pouco tempo de nova casa, novos e velhos amigos receberam-me como se deve receber quem chega de fora: Maria Helena Rolim Capelato, Maria Lígia Coelho Prado, Mary Anne Junqueira, Gabriela Pellegrino Soares, Laura de Mello e Sousa, Marina de Mello e Sousa, Rodrigo Ricúpero, Pedro Puntoni, Marcelo Rede e Marcelo Cândido da Silva. Além destes, e de forma muito carinhosa e especial, as colegas Íris Kantor, Ana Paula Torres Megiani e Vera Lúcia de Amaral Ferlini, da área de História Ibérica, que me acolheram com uma extraordinária cordialidade.

À Vera Ferlini agradeço ainda, e em especial, o apoio dado à minha primeira actividade académica de maior relevo na USP e cuja ideia nasceu ainda antes da minha entrada: o Seminário *A República Portuguesa – 100 Anos*, que não se teria realizado sem o seu apoio especial.

A Ana Paula, Íris, Marcelo Cândido e Rodrigo Ricupero também agradeço as conversas aos fins-de-semana, regadas a bons copos, passeios pela cidade e óptimos tabacos. Conversas fundamentais para desanuviar os primeiros meses de isolamento na cidade que era também a minha nova morada.

À Maria Inácia Rezola pela disponibilização de documentos originais e pelo contacto que possibilitou a entrevista com o Professor Doutor Diogo Freitas do Amaral.

À Inês Patrício que me permitiu a realização da entrevista com o Dr. Rui Patrício.

Ao Pedro Ayres de Oliveira pelo contacto aberto com o Dr. Miguel Caetano.

Na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, agradeço ao seu director, o Prof. Dr. Eduardo Vera-Cruz Pinho,

ao Prof. Dr. Gonçalo Sampaio e Melo e à Dr.^a Cátia Miguens, que me permitiram o acesso às fontes desta instituição.

À Manuela Goucha Soares, também biógrafa de Marcello Caetano, sempre disponível e pronta a ajudar.

A vida da universidade não se faz sem a presença de alunos. Comecei a sentir-me mais «uspiano» à medida que fui criando laços de convívio, tanto nas primeiras orientações como na sala de aula. Os primeiros foram os estagiários da Cátedra Jaime Cortesão: Bruno Vilagra e Natália Tammone. Depois vieram os alunos de licenciatura, Livia Filoso de Freitas (a minha primeira orientanda de Iniciação Científica da USP, responsável pela recolha e organização de documentos e pela digitalização das entrevistas realizadas), Cínthia Midori Shimada e Caio Henrique Covo, que deram continuidade à pesquisa.



À Marta Lalanda Prista, claro, pelo passado, pelo presente e pelo futuro.

Ao Pedro, meu querido filho, sempre presente, por todos os dias da nossa tão especial convivência.

Abreviaturas

ACP – Acção Católica Portuguesa
AEV – Acção Escolar Vanguarda
ANP – Acção Nacional Popular
ASD – Associação Eleitoral Democrática
BNU – Banco Nacional Ultramarino
CCP – Centro Católico Português
CDE – Comissão Democrática Eleitoral
CDS-PP – Centro Democrático Social-Partido Popular
CEM – Comissão Eleitoral Monárquica
CENI – Comissão Eleitoral Nacional Independente
CEP – Corpo Expedicionário Português
CEUD – Comissão Eleitoral de Unidade Democrática
DDS – Directório Democrático Social
DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda
EFTA – Associação Europeia de Comércio Livre
EMGFA – Estado-Maior-General das Forças Armadas
ETN – Estatuto do Trabalho Nacional
FRELIMO – Frente de Libertação de Moçambique
GNR – Guarda Nacional Republicana
IAS – Instituto António Sardinha
IL – Integralismo Lusitano
INTP – Instituto Nacional do Trabalho e Previdência
LP – Legião Portuguesa
MFA – Movimento das Forças Armadas

MP – Mocidade Portuguesa
MPF – Mocidade Portuguesa Feminina
MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola
MRPP – Movimento Reorganizativo do Partido do Proletariado
MUD – Movimento de Unidade Democrática
MUNAF – Movimento de Unidade Nacional Antifascista
NATO – Organização do Tratado do Atlântico Norte
NS – Nacional-Sindicalismo
ONU – Organização das Nações Unidas
PAIGC – Partido Africano da Independência da Guiné
e Cabo Verde
PCdoB – Partido Comunista do Brasil
PCP – Partido Comunista Português
PCP(R) – Partido Comunista Português (Reconstruído)
PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado
PPM – Partido Popular Monárquico
PS – Partido Socialista
PSD – Partido Social Democrata
PSP – Polícia de Segurança Pública
PVDE – Polícia de Vigilância e Defesa do Estado
RR – Resistência Republicana
SDN – Sociedade das Nações
SEDES – Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento
Económico e Social
SEIT – Secretaria de Estado da Informação e Turismo
SEU – Sindicato Espanhol Universitário
SN – Sindicato Nacional
SNI – Secretariado Nacional de Informação
SPN – Secretariado de Propaganda Nacional
UL – Universidade de Lisboa
UN – União Nacional
USP – Universidade de São Paulo

Apresentação

Foi com doze anos que, pela primeira vez na minha vida, ouvi falar de Marcello Caetano. E foi exactamente no dia 25 de Abril de 1974. Encontrava-me em casa com os meus pais e irmãos quando, através do meu padrinho e irmão mais velho do meu pai, António Gonçalves Martinho, fomos informados do golpe de Estado que deu início ao processo de redemocratização portuguesa. O meu pai, Avelino Gonçalves Martinho, nascido no Minho, no Norte de Portugal, era salazarista, assim como a maioria dos portugueses que migrou para o Brasil. Como tal, via com pessimismo os acontecimentos na «terra mãe». Para ele, a queda de Marcello Caetano significava que o país entraria num período de turbulências e incertezas em substituição da paz, da ordem e da estabilidade até então dominantes.

Os sintomas de crise, como a Guerra Colonial, por exemplo, não se reflectiam na nossa família. Quase não tínhamos parentes em África, salvo uma prima, Maria, missionária em Angola. Mas não sei dizer ao certo onde se encontrava aquando do 25 de Abril. O facto é que as referências da minha família de imigrantes restringiam-se ao Brasil, onde morávamos, e à Península Ibérica devido aos parentes portugueses por parte do meu pai e espanhóis por parte da minha mãe, Joaquina.

De qualquer modo, segundo o ponto de vista de Avelino, assim como dos meus tios portugueses, os movimentos nacionalistas em África e a Revolução dos Cravos eram fruto de valores

exógenos a Portugal, sobretudo do comunismo. E é necessário lembrar que nos referimos a um período de guerra fria cujo fim não se vislumbrava à época.

Marcello Caetano veio para o Brasil e pouco tempo depois tornou-se professor de Direito na Universidade Gama Filho. A sua chegada deu origem a muitos factos e fotos nos principais órgãos da imprensa brasileira. O meu pai falava do antigo presidente do Conselho do Estado Novo como um grande intelectual, injustiçado pelas circunstâncias. E também, no seu íntimo, demonstrava agradecimento ao Dr. Luiz da Gama Filho pelo facto de ter oferecido emprego ao ilustre exilado.

Aos poucos, outros portugueses também foram chegando ao Brasil. Menos conhecidos do que Caetano. Na sua maioria oriundos das antigas colónias africanas que, na sequência do processo revolucionário português, se tornaram nações independentes: Angola, Moçambique, Guiné... Alguns deles, creio que em grande parte angolanos, ainda sem abrigo ou residência, ficaram alojados no Estádio de São Januário, pertencente ao Clube de Regatas Vasco da Gama. O relato desses «portugueses africanos» a respeito da crueldade das forças revolucionárias, do ressentimento, da perda de bens materiais, indignava o meu pai e dava-lhe argumentos de que o seu sempre acalentado berço se encontrava à deriva. À época muito jovem, acompanhava aqueles relatos mais com curiosidade do que opinião.

Alguns anos depois, em 1979, o meu pai chegou esfuziante a casa com um livro autografado de Marcello Caetano. Com a sua inconfundível e absolutamente legível caligrafia, dedicava: «Ao Sr. Avelino Gonçalves Martinho, recordação do nosso encontro de patrícios no Rio de Janeiro. Com apreço, Marcello Caetano.» Trata-se de *Depoimento*, publicado no Brasil pela Editora Record logo em 1974. Adolescente, influenciado por valores de esquerda, pouca importância dei ao facto. Marcello Caetano

representava para mim, à época, o atraso e, de certa forma, assemelhava-se ao seu antecessor, Oliveira Salazar. Tanto um como o outro representavam o fascismo. E também o meu pai, na comparação básica de adolescente, tornava-se semelhante tanto ao ditador falecido como ao ditador deposto. Para mim, tinham mais significado as canções de Chico Buarque de Holanda a dar vivas ao processo revolucionário português: «Ai esta terra ainda vai cumprir seu ideal/Ainda vai tornar-se um imenso Portugal»; ou então: «Já murcharam tua festa, pá/Mas certamente, esqueceram uma semente/Nalgum canto de jardim.» As transições a sul da Europa (Portugal, Espanha e Grécia) eram, para um jovem idealista, apenas parte de um episódio maior. Na América Latina os povos explorados lutavam contra a opressão: Nicarágua, El Salvador... Mesmo no Brasil, os movimentos que traziam consigo o qualificativo «novo» em plena conjuntura de redemocratização faziam-me desconsiderar aquele livro que o meu pai guardava com tanto orgulho.

Os anos passaram e acabei por me formar em História. Aos poucos fui-me afastando da militância política e, sobretudo, das utopias que se manifestaram aquando da minha juventude. A minha dissertação de mestrado foi acerca do movimento sindical no Rio de Janeiro durante o período de transição democrática no Brasil (1974-1985). De certo modo, ainda vivia o desejo de conhecer e transformar o mundo. Por sugestão do meu orientador de mestrado, o professor Daniel Aarão Reis Filho, apresentei um projecto de pesquisa para o doutoramento que pretendia comparar o sindicalismos brasileiro e o português durante a formação dos respectivos regimes corporativos na década de 1930. A tese, defendida na Universidade Federal do Rio de Janeiro e posteriormente publicada em livro, ficou «pela metade». As circunstâncias impuseram que apenas tratasse de Portugal. Só mais tarde, e mesmo assim através de um capítulo de um livro, tratei

comparativamente do caso português e brasileiro. Ainda hoje penso que devo um trabalho de maior fôlego a respeito do corporativismo português e brasileiro. De qualquer modo, aquela investigação de doutoramento permitiu que o meu acesso a arquivos portugueses permanecesse até hoje.

Passados mais de dez anos desde a minha primeira consulta à Torre do Tombo pude, aos poucos, perceber as diferenças e *nuances* entre Marcello Caetano e António de Oliveira Salazar. Distanciava-me cada vez mais do tema da classe operária e a questão dos intelectuais ganhava uma força cada vez maior. No biênio 2000-2002 ocupei o cargo de presidente da secção regional da Associação Nacional de História (ANPUH-RJ). Coordenei então o Encontro Regional da Associação Nacional de História, cujo tema era «História e Biografia».

Durante o evento, a conferência proferida pelo professor Guilherme Pereira das Neves despertou-me a atenção. Nela, o meu primeiro professor no curso de licenciatura da Universidade Federal Fluminense lembrava o relativo desprezo dos historiadores pelo género biográfico. Referia mesmo, como um desafio, a quase inexistência de trabalhos feitos pelo historiador de ofício tendo por título o nome do biografado e como subtítulo «uma biografia». Claro que o desprezo pela biografia como género tem vindo a decair substancialmente. E o próprio professor Pereira das Neves reconhecia a proliferação do género entre os historiadores. Poucos, entretanto, aceitaram o desafio. Este trabalho que apresento ao leitor tem um título: *Marcello Caetano*. E um subtítulo: *Uma Biografia*. É uma forma de agradecimento ao professor que aceitou o meu convite para proferir a referida conferência e cujo desafio aceitei. Trata-se de uma aventura «por mares nunca dantes navegados». E que o leitor, decerto, saberá avaliar.

Introdução

O intelectual é o homem que vê o mundo e a vida através das ideias abstractas ordenadas num sistema coerente. E porque põe a sua fé naquilo que a lógica apresenta como conclusões certas, em breve transporta as ideias para a vida emotiva e, tomando o sistema por expressão da verdade absoluta, liga-se apaixonadamente à sua vigência.

MARCELLO CAETANO

Assim como Tertuliano achava bom que existissem hereges, deixem também lugar aos idealistas, quando verdadeiramente o sejam, e aos teóricos que se preocupem com a ortodoxia doutrinal. Incómodos embora para os burocratas, eles podem assim mesmo impedir que soçobre uma intenção ou se comprometa de todo um desígnio.

MARCELLO CAETANO

Como o leitor pôde ver, comecei a presente biografia de Marcello Caetano com uma citação de Hannah Arendt extraída de *Homens em Tempos Sombrios*. Trata-se, claro está, de uma citação provocatória e temerária para os meus propósitos. Em primeiro lugar porque não sei em que medida a arquitectura deste trabalho obedece ao referido «estilo inglês», bem documentado e farto nas citações. É verdade que tento, mas daí a consegui-lo vai alguma distância. Ao mesmo tempo, o meu biografado não

é exactamente uma referência «iluminada» dos tempos sombrios. Pelo contrário, ele próprio foi um importante agente das sombras, de uma das mais longas ditaduras da História do Ocidente. Na melhor das hipóteses foi, na relação com as luzes e as sombras, *ambivalente*.¹ Por fim, se a biografia «ao estilo inglês» é apropriada para os grandes estadistas, corro também grande risco pois uma das perguntas que procuro fazer é exactamente até que ponto Marcello Caetano foi um bom político, condição essencial para ser um bom estadista. Em certa medida, estou realmente preocupado com a tensão entre o significado das obras de Marcello Caetano, ou seja, o seu papel como intelectual e a importância dele como homem de Estado, o seu desempenho prático no universo político.

De qualquer modo, é verdade que não se pode falar da história política portuguesa no século xx sem citar Marcello José das Neves Alves Caetano. Em grande medida, a história da sua vida confunde-se com a história do Estado Novo português (1926-1974).² Aqui, neste ponto, gostaria de dizer que concordo com Ian Kershaw, autor da monumental biografia de Adolf Hitler. Para o historiador inglês, o personagem é determinante. Assim, a história alemã só foi o que foi devido ao papel cada vez mais determinante daquele obscuro soldado austríaco que anos mais tarde se tornou chefe do Terceiro Reich. E também é verdade que a sociedade alemã só permitiu a ascensão e o crescente poder de Hitler porque estava propensa a ouvir e aderir às suas teses. O mesmo se pode dizer de Benito Mussolini, Francisco Franco, Oliveira Salazar, Marcello Caetano e, provavelmente, de qualquer outro homem público.

O meu biografado é, assim, um agente português e um produto dos Portugueses.

Agente e produto que, contribuindo e ocupando importantes cargos no regime do Estado Novo desde a década de 1930

e sucedendo ao ditador António de Oliveira Salazar em 1968, merece indagação a respeito da imagem que os Portugueses têm dele. Quando, pela primeira vez na vida, pousei em terras lusitanas, em 1996, fiquei hospedado no Palácio Fronteira, generoso abrigo do saudoso D. Fernando Mascarenhas, marquês das Casas de Fronteira e Alorna. Naquele nobre tecto, dona Alice, a empregada, disse que Caetano, ao contrário do seu antecessor, tinha boas intenções. Apenas não o deixaram governar. Em minha casa, como referi acima, o último presidente do Conselho de Ministros era visto mais como um continuador da obra de Salazar do que propriamente um homem a quem os seus assessores impediram uma governação mais justa. Visões diferentes de um mesmo personagem. E visões produzidas não por filhos das elites mas por filhos do «Portugal profundo», daqueles que se viram obrigados a sair das suas terras, o meu pai do Minho para o Rio de Janeiro e a dona Alice do Alentejo para Lisboa, à procura de uma vida melhor.

Pelo menos até às efemérides do centenário do nascimento de Marcello Caetano, em 2006, parece que predominavam as interpretações semelhantes às da minha família. Recentemente, por exemplo, revi uma entrevista do compositor brasileiro Chico Buarque de Holanda datada do final da década de 1970. Naquela entrevista, em que Chico fazia referência à canção «Tanto Mar», Marcello Caetano também era visto como um continuador do salazarismo, do «fascismo à portuguesa» que apenas seria derubado com o 25 de Abril de 1974. O progressivo distanciamento do regime provocou mudanças que permitiram intensos debates que revitalizaram as discussões a respeito do Estado Novo e do personagem aqui estudado.

No meio académico, a unanimidade inicial dos debates, talvez não apenas sobre Caetano, mas igualmente acerca do regime que ele representou, também se converteu numa polémica acesa.

De início tratava-se de um regime fascista e Caetano havia sido o seu último dirigente. Tanto assim que a primeira série de documentos a respeito do Estado Novo português, publicada sob os auspícios da Presidência do Conselho de Ministros, foi organizada por uma equipa denominada Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista.

Desde já gostaria de deixar claro que se trata de uma biografia que procurará ater-se principalmente às questões de ordem política e intelectual. Bem sei que para a realização de um estudo biográfico muitos caminhos podem ser trilhados. O meu será aquele que procurará construir, a partir da trajectória do biografado, uma monografia do seu tempo vivido.³ Disse Hegel, certa vez, que a importância dos homens pode ser medida através do balanço da sua importância para a sua época e lugar.⁴ Marcello Caetano é, insisto, um personagem determinante da História de Portugal no século XX. E por isso o esforço e o empenho para, através do personagem, entender aquele lugar e aquele tempo.

Também houve, para a elaboração desta biografia, não exactamente uma escolha, mas uma imposição. É que, na medida em que penso a biografia a partir de um contexto mais amplo – o tempo vivido pelo biografado – tive, inevitavelmente, de pensar na geração a que pertenceu Marcello Caetano, assim como nas gerações anteriores e posteriores com as quais conviveu.

Nasceu no seio de uma família conservadora cujo pai, José Maria Alves Caetano, oriundo do interior do país, foi para Lisboa primeiro para trabalhar como marçano e depois como funcionário da Alfândega. Além de fervoroso católico, José Maria era monárquico. Marcello Caetano nasceu ainda no regime monárquico, embora quatro anos depois o país tenha assistido impassível à queda do último representante da dinastia Bragança em Portugal. Cresceu num meio fervorosamente anti-republicano e católico, de modo que, aos vinte anos, integrou uma geração de

jovens estudantes que se comprometeram com a queda da democracia e do liberalismo. Eram, a democracia e o liberalismo, valores carcomidos, ultrapassados, e a prática vivida em Portugal mais do que comprovava a teoria. A década de 1920 assistia à profunda crise da República de Weimar, à ascensão de ditaduras em boa parte da Europa. Em Espanha com Miguel Primo de Rivera (1923-1930), na Turquia com Mustafa Kemal Atatürk (1923-1938), em Itália com Benito Mussolini (1922-1943). Exemplos não faltam e outros poderiam ser aqui citados. O continente europeu como um todo ardia em disputas políticas e ideológicas, em partidos que fragmentavam esforços ao invés de os unirem. Isto para não falar do extremo oriente da Europa, onde a velha Rússia sucumbia ao mais grave perigo do início do século: o comunismo. Era uma época de declínio do liberalismo. Foi nestas circunstâncias que Marcello Caetano aderiu ao Integralismo Lusitano (IL), uma corrente formada a partir das influências provenientes da Action Française de Charles Maurras, cuja principal liderança era o jovem jornalista António Sardinha.

Na altura em que militou no Integralismo não estava definida, como é claro, a importância de Caetano para a História de Portugal. Entre o jovem militante da década de 1920 e o homem prestes a completar sessenta e oito anos que viu o regime do Estado Novo ruir com a Revolução dos Cravos, muitas histórias se passaram. Mas foram histórias e tempos que apenas confirmavam ou reforçavam a importância de Caetano para a História de Portugal. Quando, a seguir ao 25 de Abril de 1974, os novos partidos políticos se organizaram, quatro partidos e quatro respectivas lideranças apresentaram-se como as principais referências que passariam a definir os rumos de Portugal pós-Estado Novo: o PS (Partido Socialista), com Mário Soares; o PSD (Partido Social Democrata), com Francisco Sá Carneiro; o PCP (Partido Comunista Português), com Álvaro Cunhal;

e o CDS (Centro Democrático Social), com Diogo Freitas do Amaral. Os quatro líderes acima referidos, de quatro partidos distintos e mesmo antagónicos, foram alunos de Marcello Caetano. O dado em si revela a importância do biografado na formação das elites políticas portuguesas bem como, claro, a importância da Universidade de Lisboa onde se formou, exerceu a docência e chegou ao cargo de reitor.

Mas Caetano, como sabemos, foi também um destacado político do regime deposto, ocupando desde a década de 1930 diversos cargos, entre os quais o de ministro das Colónias e da Presidência.

Assim, a sua vida foi marcada por duas grandes esferas não necessariamente antagónicas mas seguramente distintas, a académica e a política. Nascido num Portugal ainda profundamente conservador, nos estertores da monarquia, Caetano assistiu ao fracasso de uma I República que se recusava a perceber e a mediar com personalidades conservadoras, sobretudo das regiões acima do rio Douro. Ao mesmo tempo, integrado na modernidade possível de uma Lisboa cosmopolita para os padrões portugueses, aderiu a um campo ideológico que se opunha a outro também em franca expansão à época. Como disse José Pacheco Pereira na sua biografia de Álvaro Cunhal: «Comunismo e fascismo não deixavam ninguém indiferente, e as formas moderadas “burguesas” da política democrática eram tão violentamente atacadas por uns como por outros.»⁵ E a opção de Caetano foi a do modernismo autoritário, típico da direita radical europeia e portuguesa, que em muito se afastava do velho reaccionarismo transmontano, tradicionalista, encarnado na figura do futuro chefe do Executivo do Estado Novo, António de Oliveira Salazar.⁶ Deste modo, ao longo da sua vida Caetano teve que se digladiar com um modernismo à esquerda que se opunha ao seu projecto antiliberal e antidemocrático. E também com uma direita mais

tradicional, feição de um país católico e camponês como era o Portugal do seu próprio pai. A sua vida talvez tenha sido um claro exemplo das possibilidades de aproximação da modernidade com o conservadorismo. Neste tenso equilíbrio, pareceu a uns moderno e a outros, conservador. Provavelmente, como político e como intelectual do Estado Novo, foi o mais moderno de entre os conservadores e o mais conservador de entre os modernos. É bem possível que o Portugal em que Caetano viveu também fosse assim: tenso na indefinição do que realmente queria – ou podia – ser.

Por fim, uma breve observação a respeito das fontes e do método. Utilizo como *corpus* documental mais importante para este trabalho o Arquivo Marcello Caetano, localizado na Torre do Tombo. E, deste vasto arquivo, usei em abundância a correspondência de Marcello Caetano. Além da correspondência localizada no arquivo citado, consultei também a correspondência publicada em livro: *Salazar e Caetano: Cartas Secretas* (1932-1968), *Cartas Particulares a Marcello Caetano, Correspondência com Marcello Caetano: 1974-1980*, além do livro *A Porta de Marfim: Evocação de Marcello Caetano*. Os dois primeiros organizados por José Freire Antunes, o terceiro pelo historiador Joaquim Veríssimo Serrão e último o livro de memórias de Maria Helena Prieto. Também recorri a vários livros escritos por Caetano, tanto académicos como políticos. De entre esses livros, dois textos de memórias: *Minhas Memórias de Salazar e Depoimento*. Estamos a falar, pois, de «escritas de si», como bem caracterizou Angela de Castro Gomes.⁷ Trata-se de diversas modalidades de escrita auto-referencial estabelecida a partir da relação do indivíduo moderno com os seus documentos. Por outras palavras, embora o indivíduo, autor da «história de si», procure apresentá-la como algo linear, está repleta de «estações» do metro, de paragens e alterações de linha não previstas. E de aspectos fundamentais

que se alteram ao longo da vida. Não compreender este alerta é cair na «tentação» de uma vida coerente. É obedecer ao objecto de pesquisa, ao invés de o questionar e interpretar.

É o que iremos ver nas páginas a seguir, «se a tanto me ajudar o engenho e arte».